

# *A Vida e Morte de Christopher Love*

Uma breve história do Pregador Presbiteriano de Gales



## **Um Breve Esboço da Vida de Christopher Love**

por

Christopher Fales

### **I. Introdução**

A era dos puritanos é repleta de diversas pessoas brilhantes que sofreram muito ou realizaram muito por causa de Cristo. Entre os chamados de gigantes puritanos, alguém sem dúvida encontrará nomes tais como: Jeremiah Burroughs, Richard Baxter, John Flavel, Richard Sibbes, Thomas Watson, Thomas Vincent e William Ames. Todavia, há um nome que freqüentemente está ausente dessa lista ou é pouco citado: Christopher Love. Tiraram-lhe a vida quando ele tinha 33 anos e, talvez, essa seja uma razão de conhecermos pouco dele. A despeito de sua curta vida, as obras que escreveu sobrepõem a quantidade escrita por muitos outros teólogos puritanos cujos nomes são familiares para a maioria de nós. Pode ser o caso de que sua vida não tenha sido tão significativa na história como o foi sua morte. O propósito deste artigo é dar uma olhada na vida e morte desse jovem puritano de quem J. I. Packer disse: “Christopher Love foi um jovem pregador galês e uma estrela em ascensão no mundo do ministério puritano”.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Christopher Love, *Grace: The Truth, Growth, and Different Degrees* (Morgan: Soli Deo Gloria, 1997), Cover.

## II. A Vida de Christopher Love

### A. Os Primeiros Anos de Vida

O ano era 1618, e Christopher Love veio ao mundo em Cardiff, uma antiga cidade em Gales. Ele era o filho mais moço dos seus pais, mas era a criança da velhice deles e o portador do nome do pai. Pouco eles sabiam que sua vida duraria somente meros 33 anos e terminaria abruptamente no cadafalso de Tower Hill.

Seus pais não eram nem ricos, nem pobres e, mesmo assim, foram capazes de providenciar-lhe uma boa educação, embora nunca houvessem pretendido que ele entrasse para o ministério. Na infância, Love desenvolveu uma paixão por livros e por conhecimento, devotando “muito do tempo, tanto de noite como de dia, aos seus amados estudos”.<sup>2</sup>

Antes dos quinze anos, Christopher Love nunca tinha ouvido um sermão. Um dia, pela novidade interessante que isso parecia ser, ele foi a um culto com outros para ver um homem no púlpito, William Erbery. Todavia, por meio do sermão Deus deu a Love uma tamanha visão de sua pecaminosidade que ele foi para casa aquela noite em profunda tristeza e medo do inferno. Antes de chegar em casa, o Senhor tinha salvo Love mediante Seu amor. A mudança que se operou durante o caminho para casa foi tão visível que seu pai imediatamente a percebeu. Vendo o filho em tal estado de melancolia, o sr. Love aconselhou-o a se unir a seus amigos num clube de homens para um jogo usual. Mas Christopher Love não participaria mais das veredas pecaminosas de outrora.<sup>3</sup>

No dia seguinte Love pediu permissão ao pai para assistir a uma palestra à noite, na igreja. O pai recusou de maneira inflexível e trancou-o no cômodo superior da casa. Love fugiu pela janela por meio de uma corda improvisada e pegou o caminho para a igreja. Ele pensou que seria melhor desagradar seu pai terreno do que ofender seu novo

---

<sup>2</sup> Benjamin Brooks, *Lives of the Puritans, Vol. III* (Morgan: Soli Deo Gloria, 1996), 115.

<sup>3</sup> Ibid.

Pai celestial. Tal coragem pela Palavra de Deus o levaria à sua morte dezoito anos mais tarde.<sup>4</sup>

Love encontrou comunhão com o irmão Erbery e lhe derramou o coração. Muitos dos amigos com quem ele costumava desfrutar os vícios também vieram à fé em Cristo e agora freqüentemente ficavam juntos nas últimas horas da noite para orar e jejuar, separando duas noites por semana para seus exercícios devocionais. Antigamente chamado de apostador, ele era agora chamado de um “pequeno puritano”. Tudo isso trouxe muita tristeza a seu pai. Vendo o recente desprezo do pai pelo filho, Erbery pediu permissão para ter o jovem Christopher Love vivendo com ele, para que ele pudesse instruí-lo mais e cuidar adequadamente dele. O sr. Love consentiu.<sup>5</sup>

## **B. Seus Estudos e Início do Ministério**

A vida com o irmão Erbery desenvolveu-se muito bem. Naquela época, ele conseguiu permissão para estudar em Oxford, a fim de se preparar para uma vida no ministério do evangelho de Jesus Cristo. Seu pai consentiu, mas com muito desprazer. O único apoio que o pai lhe deu foi um cavalo sobre o qual ele podia cavalgar até Oxford. Contudo, sua mãe secretamente lhe supria com algum dinheiro. Erbery também se esforçou para assistir o jovem. Ao chegar em Oxford, em 29 de julho de 1635<sup>6</sup>, ele escolheu Christopher Rogers como tutor. Rogers tinha sido descrito a Love como o “arquipuritano”<sup>7</sup>, e essa foi a razão da escolha. Love se lançou completamente aos estudos, freqüentemente se privando de sono e recreação. Todavia, permaneceu, por algum tempo durante esse período em sua vida, uma tristeza pelos anos que havia gasto em pecado. Seu coração foi grandemente sobrecarregado, e, com poucos amigos a quem buscar a fim de encontrar conforto, ele aprendeu a se voltar para a graça de Deus. Graças a tudo isso Love desenvolveu um zelo pela Palavra e pela Igreja de Deus. Ele gastava horas na Igreja

---

<sup>4</sup> Brooks, 116.

<sup>5</sup> Kistler, 7-8.

<sup>6</sup> Don Kistler, *A Specticle Unto God* (Morgan: Soli Deo Gloria, 1994), 17.

<sup>7</sup> Brooks, 117.

de São Pedro ouvindo sermões e muitas mais ainda pregando-os também, aprimorando seu dom.<sup>8</sup>

Christopher Love saiu-se tão bem em seus estudos que Rogers, seu tutor, convidou-o para viver em sua própria casa. Em maio de 1639 Love se graduou com seu bacharelado e continuou para adquirir seu mestrado, mas foi expulso antes de alcançar esse nível. Sua expulsão foi devida à sua recusa em assinar os mandatos do Arcebispo Laud durante a convocação. Ele foi readmitido mais tarde em 1645 e recebeu o título de mestre em 1645. Love foi o primeiro a recusar assinar os novos cânones de Laud.<sup>9</sup>

Durante o tempo de sua expulsão, Love foi convidado para a casa do xerife Warner para servir como um capelão doméstico. O amor da família por ele tornou-se profundo e ele foi usado por Deus para trazer vários membros dela à fé em Cristo.<sup>10</sup> Foi nessa casa que Love encontrou sua amada Mary Stone, a enfermeira do xerife. Seis anos mais tarde (9 de abril de 1645) eles se casaram. Love foi também convidado a ocupar a posição de professor acadêmico na *Saint Anne's*, mas o bispo de Londres se opôs veementemente, pois ele não era ordenado, de forma que durante três anos “foi-lhe recusada sua concessão”.<sup>11</sup> Recusando ser ordenado pela Igreja Anglicana, ele viajou para a Escócia a fim de buscar o rito de ordenação dos presbiterianos. Desafortunadamente, os escoceses tinham determinado não ordenar ninguém ao ministério, a menos que a pessoa permanecesse no norte para realizar a obra do Senhor. Love fez grandes propostas para ser aceito entre eles, mas voltou para casa desapontado.<sup>12</sup>

Ao retornar, foi convidado ao púlpito em Newcastle, em um domingo. Em seu sermão ele atacou o Livro da Oração Comum e as cerimônias da Igreja da Inglaterra. Por causa disso, ele foi preso com ladrões e assassinos. Enquanto encarcerado, muitas pessoas se reuniram para vê-lo, mas não lhes foi permitido visitá-lo; portanto, ele começou a pregar às multidões de fora através das barras do portão da

---

<sup>8</sup> Kistler, 16-17, 28; Brooks, 117-118.

<sup>9</sup> Kistler, 27; Brooks, 118.

<sup>10</sup> Brooks 118.

<sup>11</sup> Brooks, 119

<sup>12</sup> Kistler, 33; Brooks, 119.

prisão. Após algum tempo no cárcere, foi levado para Londres, julgado e absolvido de todas as acusações.<sup>13</sup>

Algum tempo depois, Love foi acusado de traição e rebelião por pregar que uma guerra defensiva era justificável. Novamente ele foi considerado inocente. Pouco depois desse incidente, ele foi feito o capelão da guarnição militar de Windsor, que estava sob o comando do coronel John Veen. Ele foi grandemente amado por aqueles a quem ministrou, mesmo pelos que discordavam dele sobre os assuntos da igreja. Enquanto ministrava nesse posto, uma praga fulminou a cidade e o castelo. Embora muitos tenham morrido ao seu redor, Love corajosamente continuou ministrando. Apesar de se expor às infecções e à morte, o Senhor o preservou.<sup>14</sup>

### **C. Sua Ordenação e Posterior Ministério**

Naquela época, os presbiterianos chegaram ao poder. Isso deu a Love oportunidade para a ordenação que ele tinha tão intensamente desejado. “Na instigação de Edmund Calamy”<sup>15</sup>, Christopher Love foi ordenado em 23 de janeiro de 1644, na Igreja Aldermanbury pelos senhores Horton, Bellers e Roberts. Durante o exame de ordenação foi-lhe perguntado se ele poderia sofrer pelas verdades de Cristo. Ele respondeu: “Eu tremo ao pensar sobre o que devo fazer em tal caso, especialmente quando considero como muitos se vangloriaram de que poderiam sofrer por Cristo, e, todavia, quando o momento chegou, negaram a Cristo e a Suas verdades em lugar de sofrer por eles. Portanto, não ousou me vangloriar do que farei, mas, se este poder me for dado por Deus, então, eu não somente estarei disposto a ser preso, como também a morrer por causa do Senhor Jesus”.<sup>16</sup> O reverendo Christopher Love cumpriria essas palavras em Tower Hill.

Durante os próximos poucos anos, Love pregou com severidade contra o episcopado e o Livro de Oração Comum, aos quais ele se referia

---

<sup>13</sup> Kistler, 34.

<sup>14</sup> Kistler, 34-35; Brooks, 119-120.

<sup>15</sup> Kistler, 35. Graças a Calamy, temos muitas obras de Love impressas após sua morte.

<sup>16</sup> Kistler, 36.

como “as duas feridas de pragas”.<sup>17</sup> Por três anos ele ensinou em St. Ann’s, Aldergate, que ficava aproximadamente a duzentos metros de Saint Lawrence Jewry, onde Love iria ministrar durante os anos restantes de sua vida (1649-1651). Ele teve várias de suas obras publicadas, muitas das quais foram encontradas na biblioteca de grandes homens de Deus, tais como Jonathan Edwards.<sup>18</sup> A maior parte de seus escritos eram sermões tomados de suas notas e impressos após sua morte por Edmond Calamy.<sup>19</sup> Embora escolhido como membro dos Teólogos de Westminster, a maior parte do tempo ele foi inativo nessa arena. Duas vezes ele teve oportunidade de pregar numa assembléia do Parlamento.<sup>20</sup>

#### **D. Sua Vida Familiar**

Mary Love provou ser uma esposa digna de tal homem piedoso. Ao ler suas memórias e cartas escritas ao marido, enquanto ele estava aprisionado, somos inspirados por sua santidade e proximidade de Deus. Eles tiveram cinco filhos ao todo. O primeiro, uma filha chamada Mary, morreu poucos dias após o nascimento. Uma segunda menina lhes nasceu em 27 de julho de 1647, que também teve o nome de Mary. Como a primeira, ela viveu pouco tempo, morrendo em 14 de maio de 1650<sup>21</sup>. Em 15 de dezembro de 1648, Christopher Love nasceu, o primeiro filho deles. Numa carta da prisão à esposa, o Rev. Love mencionou os dois outros meninos, Mall e James. James, que nasceu justamente trinta dias após a execução do pai, viveu menos que sete meses. A senhora Love viveu para ver muitos dos membros de sua amada família perecerem antes dela; todavia, sua fé era inabalável.

Ela descreveu o marido como um homem de família. Certa vez, ele disse à esposa que “agora que ele tinha sua própria família, fez uma pequena creche para Deus, resolvido que (...) sua família deveria estar

---

<sup>17</sup> Kistler, 36.

<sup>18</sup> Brooks, 121.

<sup>19</sup> Kistler, vii.

<sup>20</sup> Christopher Love, *The Dejected Soul's Cure* (Morgan: Soli Deo Gloria, 2001), v

<sup>21</sup> John F. Wilson, *Pulpit in Parliament* (Princeton: Princeton University Press, 1969), 130, 248-9.

entre o número daqueles que conhecem a Deus e invocam Seu nome”.<sup>22</sup> Recordando a vida de estudo do marido, ela explicou que ele pensava que nunca dava tempo suficiente para os estudos e não gostava de “distrações deles”.<sup>23</sup> Ela cria que esses estudos rigorosos tiveram um preço alto demais para sua saúde.

### **E. “A Conspiração de Love”**

Christopher Love freqüentemente se envolvem em política. Certa vez, ele foi posto em prisão domiciliar por um breve período, pois ele pregou contra um tratado de paz que estava sendo desenvolvido. Ele acusou os envolvidos de desejar paz por razões ímpias. Love afirmou que era melhor ter uma guerra justa do que uma paz iníqua. Esse sermão foi pregado diante dos representantes do tratado de paz. Love havia ofendido a todos eles.<sup>24</sup>

Pouco depois disso, o rei Charles foi decapitado por ordem do Parlamento pelo crime de traição contra a nação. Oliver Cromwell tomou o ofício de Lorde Protetor da Nação. Cromwell era um presbiteriano que se havia tornado independente. Love, juntamente com uma grande multidão de outros, ficou indignado com essa execução, pois criam que Deus estabeleceu os reis sobre o trono e que ninguém poderia tirá-los de lá. No dia de Ano Novo de 1651, os escoceses apoiaram a coroação de Charles II, filho do rei executado. O plano deles era restabelecer a monarquia por meio da força. Durante a coroação, Charles II fez um voto de que, quando entronizado, levantaria a Igreja Presbiteriana na Inglaterra e confessaria os pecados de seus antepassados.<sup>25</sup> Enquanto os escoceses esforçavam-se para levantar suas forças, correspondência secreta era mantida com um grupo de presbiterianos ingleses. Estes asseguraram a Charles II que eles estariam ao seu lado quando ele tentasse se apoderar da coroa. Um esforço foi feito por muitos cavalheiros (oficiais dispensados que tinham

---

<sup>22</sup> Kistler, 37

<sup>23</sup> Kistler, 41-42.

<sup>24</sup> Kistler, 42

<sup>25</sup> Brooks, 120-121.

servido o Parlamento durante a guerra) e ministros para levantar fundos a fim de financiar a campanha de Charles II. Thomas Coke, o filho do secretário do falecido rei, foi preso pelo Parlamento e, em troca da vida, forneceu informações com respeito ao apoio dos presbiterianos ingleses a Charles II. O plano foi descoberto em 2 de maio de 1651, e os homens envolvidos foram presos. Entre os ministros encarcerados estavam: Dr. Roger Drake, William Jenkyn, Arthur Jackson, Ralph Robinson, Thomas Watson, William Blackmore, Matthew Haviland, Thomas Case e Christopher Love. Seis deles pediram misericórdia e juraram parar de se opor ao governo. Love foi retido para ser um exemplo. Ele foi acusado de alta traição, e o complô do qual ele foi acusado de participar veio a ser conhecido como “Conspiração de Love”. Nas próximas poucas semanas ele foi mantido preso na Torre de Londres. Primeiramente, escreveu dois sermões por semana, preparando-se para pregar uma vez liberto. Apesar da desesperada situação, seu espírito permaneceu elevado. Uma profundidade de alegria que ela desconhecia anteriormente o encheu à medida que conversava com Deus, a Quem em breve veria face a face.<sup>26</sup>

## **F. Seu Julgamento**

Em 20 de junho de 1651, Love foi trazido diante do Suprema Corte de Justiça, e as acusações contra ele foram lidas. Quando interrogado sobre qual seria sua alegação, Love empreendeu uma longa discussão, implorando as orações dos piedosos e anunciando: “Eu, neste dia, sou feito um espetáculo para Deus, anjos e homens”.<sup>27</sup> Interrompido pelo general Attorney, Love foi solicitado a reconhecer-se, brevemente, “culpado” ou “inocente”. Love declarou que desejava falar antes de dar sua posição, mas foi informado que a lei requeria que ele fizesse a confissão antes que lhe fosse permitido falar. Ele se recusou a tal procedimento, e, embora reivindicasse ignorância acerca das leis, citou muitas delas que contradiziam as afirmações da suprema corte, até mesmo apelando ao bem conhecido e usado texto da lei daquela

---

<sup>26</sup> Kistler, 50-51.

<sup>27</sup> Kistler, 52-56; Brooks, 122



época. Love questionou até mesmo a questão da legalidade de seu julgamento, baseado na omissão da Escócia no Ato de 1650 e no fato de que estava sendo acusado por crimes contra o Ato, os quais, no entanto, diziam ter sido cometidos em 1648 e 1649. Legalmente, ele não poderia ser acusado retroativamente. Em consequência, Love declarou que, se fosse alegar alguma coisa diante do tribunal, o qual avaliava ser um tribunal ilegal, ele, com efeito, estaria admitindo alguma culpa. Por fim, Love desistiu de sua alegação, uma vez que foi ameaçado de ser julgado, a despeito da falta de alegação por parte do réu. “Inocente.”<sup>28</sup>

Testemunhas foram chamadas a prestar depoimento. Eram os homens aprisionados com Love. Arthur Jackson, quando chamado a testemunhar, recusou-se a depor contra seu amigo, pois Love era “um homem muito precioso à vista de Deus”<sup>29</sup>. Ele disse: “Eu temo que terei ter um inferno em minha consciência no dia da minha morte, se eu falar qualquer coisa circunstancialmente prejudicial à vida dele”.<sup>30</sup> Jack foi multado em quinhentas libras e aprisionado indefinidamente. No segundo dia do julgamento, John Jacquel testemunhou e incriminou os acima mencionados ministros puritanos. Mais tarde, Jacquel escreveu uma carta de arrependimento para Love, antes de esse ser executado. Quando o terceiro dia de julgamento chegou, Love fez sua defesa. Ele negou o depoimento das testemunhas, pois elas se contradiziam continuamente, e as mesmas tinham sido ameaçadas de morte ao testificar. O testemunho de Jacquel era inadmissível, ele disse, pois não fez um juramento antes de dá-lo. Nenhuma carta de correspondência ao príncipe ou para os escoceses tinha sido escrita e, portanto, não havia nenhuma evidência. Finalmente, Love admitiu estar presente na leitura de algumas cartas, mas não de tê-las enviado ou de ter quaisquer intenções de traição. Após cinco dias de deliberações, o tribunal entrou em recesso por um dia. No sexto dia, voltou com o veredicto de culpado. Christopher Love foi sentenciado “a sofrer as dores da morte tendo sua cabeça separada de seu corpo”.<sup>31</sup> Ele replicou ao julgamento: “Eu recebi a sentença de morte em mim mesmo, que eu não devo confiar em mim

---

<sup>28</sup> Kistler, 65

<sup>29</sup> Kistler, 63-67; Brooks, 122-123

<sup>30</sup> Kistler, 68.

<sup>31</sup> Brooks, 123

mesmo, mas em Deus, que ressuscita os mortos. E, meu lorde, embora tu tenhas me condenado, todavia isso eu posso dizer: nem Deus nem minha própria consciência me condenam”.<sup>32</sup> Ele foi então levado de volta à Torre para esperar o dia da execução.

### **III. A Morte de Love**

#### **A. Seus Últimos Dias**

Enquanto esperava o dia de ser decapitado, muitas tentativas foram feitas para livrá-lo mediante cartas escritas e enviadas ao Parlamento por uma multidão de ministros, por Mary Love e até mesmo por Christopher Love. A data de sua execução foi adiada em um mês da data original de 16 de julho, e então novamente adiada por mais uma semana. Isso foi feito para permitir que o Parlamento lesse todas as petições enviadas solicitando a liberdade de Love. Nesse tempo Charles II tinha entrado em terra inglesa liderando um poderoso exército escocês. Um exemplo era necessário para os presbiterianos ingleses a fim de adverti-los do que aconteceria a todos que se opusessem ao Parlamento em favor de Charles II. Um de seus clérigos mais amados deveria morrer; Love deveria ser o exemplo. Cartas foram enviadas a Cromwell solicitando que ele decretasse o cancelamento da execução. Os historiadores Kennet e Echard<sup>33</sup> relatam que Cromwell enviou uma carta declarando que, se Love se resignasse a um bom comportamento no futuro, então ele seria perdoado e libertado. A carta nunca chegou a Londres. Dois cavaleiros que tinham pertencido ao exército do falecido rei detiveram o emissário. Os dois tinham tamanho ódio por Love (devido a um sermão que ele tinha pregado alguns anos antes) que, quando encontraram a carta de misericórdia, rasgaram-na em pedaços. Como a carta não chegou, foi entendido que não haveria nenhum perdão.<sup>34</sup>

---

<sup>32</sup> Kistler, 69

<sup>33</sup> Kistler, 69

<sup>34</sup> Brooks, 127.

Muitas são as belas e profundamente espirituais cartas que foram enviadas para Love e por ele. Ministros puritanos escreveram para encorajá-lo em suas horas finais e para suplicar suas orações. É quase impossível ler as cartas de Mary Love sem derramar lágrimas. Seu amor por Christopher era verdadeiro e profundo. Todavia, seu amor por Deus era maior. Ela permanece como um exemplo para todas as esposas de ministros. Ela encorajou e recomendou seu marido às mãos de Deus.

## **B. Christopher e Mary Despedem-se pela Última Vez**

Na véspera de sua execução, Mary Love foi à prisão na Torre para dizer adeus pela última vez a seu amado marido. Com estas palavras, ele a confortou:

Não se perturbe em pensar o que será de ti e dos teus após minha morte, pois te asseguro que meu Deus, o Deus das viúvas e dos órfãos, não te esquecerá, mas proverá maravilhosamente para eles; e conforte-se nisto: que aqueles homens que tiram teu marido de ti não podem tirar teu Deus de ti; e, assim, não pense que tu perdestes teu marido, mas somente abres mão dele por algum tempo, e, por enquanto, teu Salvador será um esposo para ti e um pai para teus filhos.<sup>35</sup>

Então eles oraram juntos pela última vez. Ele lhe pediu para ela não se apavorar quando não o ouvisse mencioná-la em sua oração final nesse mundo, enquanto esperasse a decapitação no dia seguinte. “Eu não posso fazer isso”, disse ele, “pois afeições naturais se manifestarem não seria apropriado para o lugar, mas tenha certeza de que as últimas palavras que direi nesse quarto serão a Deus por nossos filhos e por ti”.<sup>36</sup> Quando ela insistiu em lhe enviar uma ceia no dia seguinte, ele aceitou por causa dela, apesar de não desejar perturbá-la, e adicionou que ele não precisaria, “pois dentre poucas horas teria uma ceia bendita, a ceia do Noivo, na qual eu me sentarei com Abraão, Isaque e

---

<sup>35</sup> Kistler, 94

<sup>36</sup> Kistler, 94.

Jacó, e sei que fome, sede e tristeza nunca mais haverá”.<sup>37</sup> Love estava pronto para ver seu Senhor e confiante de que O veria. “Tão logo minha cabeça seja separada do corpo, estarei unido com Cristo, minha Cabeça, no céu”.<sup>38</sup>

### **C. O Dia de Sua Execução, o Dia de Sua Glorificação**

Às 14 horas da sexta-feira de 22 de agosto de 1651, Christopher Love subiu os degraus do cadafalso em Tower Hill. Acompanhando-o foram alguns ministros seus companheiros: Edmund Calamy, Simeon Ashe e Thomas Watson, que estavam ali com ele antes de ele entrar no Paraíso. O tablado foi cercado de uma gigantesca multidão que tinha comparecido para ver pela última vez a face desse amado santo de Deus, ou para assistir o sangue ser derramado desse “espinho em seus lombos”. Um registro diz que um homem em especial na multidão tinha vindo pela segunda razão, e, ao ouvir as palavras finais e a oração de Love, lamentou seus pecados e foi convertido ali, naquele dia em que Love morreu.<sup>39</sup>

Recebendo permissão para falar à multidão e orar, Love abriu a boca e proferiu suas últimas palavras na Terra. Com palavras eloqüentes, ele expressou seu desejo pela eternidade, que haveria de cumprimentá-lo em breve. “Há apenas dois passos entre mim e a glória. Basta apenas eu descer deste bloco de madeira para ascender a um trono. Estou trocando um púlpito por um cadafalso e um cadafalso por um trono. Estou trocando uma guarda de soldados por uma guarda de anjos, para me levarem ao seio de Abraão”.<sup>40</sup> Ele então respondeu brevemente às acusações pelas quais estava sendo executado e explicou sua posição. Love declarou que não trouxe dano a ninguém. Com sua última palavra, ele desejou falar da glória de Deus mais do que de si mesmo. Expressando seu coração pastoral até mesmo na hora da morte, advertiu as pessoas sobre os tempos maus em Londres. À cidade

---

<sup>37</sup> Ibid

<sup>38</sup> Kistler , 95.

<sup>39</sup> Kistler, 107

<sup>40</sup> Brooks, 132

ele urgiu para que amasse seus ministros, submetesse-se à liderança da igreja, continuasse fiel às Escrituras e odiasse as doutrinas estranhas, lamentasse a perda de ministros piedosos que tinham recentemente sido martirizados, e que procurasse a paz (particularmente com os irmãos da Escócia). Depois, ele expressou seu amor por sua congregação e sua gratidão a ela. Credo que sua morte glorificaria a Deus, disse: “Eu faço mais por minha morte do que por minha vida, e glorifico mais a Deus morrendo decapitado do que se tivesse morrido de uma doença na minha cama”.<sup>41</sup> Dando glória a Deus, recontou sua conversão com quinze anos e louvou a Deus pela graça estendida a ele, por ter sido escolhido para ser Dele.<sup>42</sup>

Concluindo seu sermão, ele pediu e obteve permissão para orar. Love orou por seus acusadores, para que Inglaterra e a Escócia fossem uma e pelo futuro Rei Charles II. Orou também por um amigo que seria executado após ele. Ele terminou suplicando a Deus força para completar sua tarefa nesses momentos finais e encomendando seu espírito às mãos de Deus.<sup>43</sup>

Love agradeceu ao xerife por sua bondade e disse: “Bem, eu parto de um tablado para o seio do meu Salvador”.<sup>44</sup> Voltando-se para outro homem que estava ali, ele perguntou: “Você é o oficial?” “Sim”, respondeu o executor. Love então lhe entregou três moedas enroladas num papel, que era o costume para encorajar o homem a fazer um trabalho limpo, com um só golpe. Bendizendo o nome de Jesus, ele então se despediu dos ministros seus companheiros que o acompanhavam no tablado, após orar com eles. “Estou cheio de alegria e de paz em meu crer. Eu me deito confortavelmente como se fosse deitar em minha cama”.<sup>45</sup> Quando se preparou para colocar a cabeça sobre o bloco de madeira, o sr. Ashe gritou: “Querido irmão, como está teu coração?” Love replicou: “Eu bendigo a Deus, meu prezado, pois estou cheio de alegria e conforto como jamais meu coração esteve”.<sup>46</sup>

---

<sup>41</sup> Kistler, 125.

<sup>42</sup> Ibid.

<sup>43</sup> Kistler, 128-131; Brooks, 136.

<sup>44</sup> Kistler, 131

<sup>45</sup> Kistler, 131.

<sup>46</sup> Brooks, 136.

Então Christopher Love proferiu suas palavras finais: “Bendito seja Deus por Jesus Cristo”, e se ajoelhou e colocou a cabeça sobre o bloco. Ele estendeu as mãos. A lâmina foi levantada e baixada. Christopher Love entrou no Paraíso e viu seu Senhor Jesus face a face. Sua cabeça e seu corpo, prontamente reunidos pelo médico atendente, foram colocados num caixão e levados para a casa de Love, onde permaneceu por três dias.<sup>47</sup>

#### **D. Conseqüências e Louvores**

Ao saber que um funeral solene seria realizado por Love, o Concílio do Estado escreveu ao prefeito de Londres ordenando que frustrasse os planos para a procissão e o enterro. Love foi enterrado em privado no cemitério de sua igreja. Thomas Manton pregou no funeral, “embora os soldados ameaçassem atirar nele”.<sup>48</sup> Os soldados apareceram e “se contorciam e se agitavam de raiva e estavam de cara amarrada, mas não usaram de violência”.<sup>49</sup> Manton estava determinado a fazer o assunto conhecido, de forma que publicou seu sermão sob o título “Os Santos Triunfam sobre a Morte”.<sup>50</sup> “Assim, no próprio coração de Londres”, escreve Manton, “a memória de Love foi vingada da maneira mais solene, e a nação abertamente desafiada. Na mensagem Love nunca é mencionado por nome, nem mesmo aludido, até chegar ao último parágrafo, no qual Manton exalta Love por seu ministério e sua doutrina. Ele encoraja a congregação de Love a não desapontar seu pastor”.<sup>51</sup>

Falando de seu falecido marido, Mary Love disse: “Ele vivia muito no céu para viver muito tempo fora do céu; e estou certa de que ele vive

---

<sup>47</sup> Kistler, 132.

<sup>48</sup> Erroll Hulse, *Who Are the Puritans? . . . And What Do They Teach?* (Auburn: Evangelical Press, 2000), 92.

<sup>49</sup> J. B. Marsden, *The History of the Latr Puritans* (London: Hamilton, Adams, & Co.), 342.

<sup>50</sup> Marsden, 342.

<sup>51</sup> Thomas Manton, *The Works of Thomas Manton, Vol. II* (London: James Nibs & Co., 1871), 453-454.

uma vida de céu na terra. Sua comunhão era com o Pai e com Seu Filho, Jesus Cristo”.<sup>52</sup>

Na carta ao leitor que introduz o livro de sermões de Love, intitulado *The Mortified Christian* (O Cristão Mortificado), Calamy declara que o autor “é suficientemente conhecido e aprovado; suas obras louvam-no nos portões. Ele foi um obreiro que, de fato, não tinha do que se envergonhar. Ele não foi um cometa em chamas para chamar atenção para si mesmo, mas uma estrela genuína para conduzir homens a Cristo”.<sup>53</sup> Mais adiante ele diz: “Nós que tivemos a felicidade de sermos mais próximos dele podemos verdadeiramente dizer que ele não pregava a si mesmo, mas a Jesus Cristo, seu Senhor, e que foi um servo da igreja por amor a Jesus”.<sup>54</sup>

#### **IV. Conclusão**

Embora sua vida tenha sido curta, seu impacto foi sentido de muitas formas e por muito tempo após sua partida. A maioria dos escritos de Christopher Love foram reimpressos por *Soli Deo Gloria Ministries* e estão hoje encorajando e instruindo uma nova geração de puritanos que estão recordando os antigos poços da fé. Todas as reimpressões atuais estão na prateleira desse autor como parte de sua biblioteca pessoal. Frequentemente a vida e os sermões de Love têm sido usados pelo Senhor para motivar, ensinar e confortar minha alma. Sou grandemente grato ao Senhor por levantar homens como Christopher Love como um exemplo a todos os cristãos, de todas as eras.

**Tradução:** Felipe Sabino de Araújo Neto  
[felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com)  
Cuiabá-MT, 03 de Agosto de 2005

---

<sup>52</sup> Brooks, 138.

<sup>53</sup> Christopher Love, *The Mortified Christian* (Morgan: Soli Deo Gloria, 1998), v.

<sup>54</sup> Ibid.

## BIBLIOGRAFIA

### Livros

Brooks, Benjamin. *Lives of the Puritans, Vol. III*. Morgan: Soli Deo Gloria, 1996.

Hulse, Erroll. *Who Are the Puritans?... And What Do They Teach?*. Auburn: Evangelical Press, 2000.

Kistler, Don. *A Spectacle Unto God*. Morgan: Soli Deo Gloria, 1994.

Love, Christopher. *Grace: The Truth, Growth, and Different Degrees*. Morgan: Soli Deo Gloria, 1997.

----*The Dejected Soul's Cure*. Morgan: Soli Deo Gloria, 2001.

----*The Mortified Christian*. Morgan: Soli Deo Gloria, 1998.

Manton, Thomas. *The Works of Thomas Manton, Vol. II*. London: James Nibs & Co., 1871.

Marsden, J. B. *The History of the Latr Puritans*. London: Hamilton, Adams, & Co.

Stowell, W. H. *A History of the Puritans and Pilgrim Fathers*. New York: Worthington Co., 1888.

Wilson, John F. *Pulpit in Parliament*. Princeton: Princeton University Press, 1969.